

---

# ἀρχαί

AS ORIGENS DO PENSAMENTO OCIDENTAL  
THE ORIGINS OF WESTERN THOUGHT

---

ARTIGO | ARTICLE

## **Tradução da história *Uma anedota sua com três* (*ḥabaruhu ma<sup>c</sup> ṭalāṭa*) do livro *Histórias de Abū-Nuwās* (*Aḥbār Abī-Nuwās*) de Abū-Hiffān Almiḥzamī**

Translation of the story *An anecdote of him with three* (*ḥabaruhu ma<sup>c</sup> ṭalāṭa*) from the book *Stories of Abū-Nuwās* (*Aḥbār Abī-Nuwās*) by Abū-Hiffān Almiḥzamī

Alexandre Facuri Chareti <sup>i</sup>  
<https://orcid.org/0000-0001-9974-3864>  
[alexandrechareti@yahoo.com.br](mailto:alexandrechareti@yahoo.com.br)

<sup>i</sup> Universidade de São Paulo – São Paulo – SP – Brasil

CHARETI, A. F. (2020). Tradução da história *Uma anedota sua com três* (*ḥabaruhu ma<sup>c</sup> ṭalāṭa*) do livro *Histórias de Abū-Nuwās* (*Aḥbār Abī-Nuwās*) de Abū-Hiffān Almiḥzamī. *Archai* 30, e03006.

**Resumo:** Abū-Hiffān ʿAbd-Allāh Ibn-Aḥmad Almiḥzamī foi um importante transmissor da literatura árabe do século IX d.C./ III H. A compilação de histórias (*aḥbār*) que registrou sobre Abū-Nuwās tornou-se uma referência autorizada no que diz respeito à produção deste poeta inovador. As *Histórias de Abū-Nuwās* contribuem com temas de vinho e erotismo para as fabulosas narrativas que se situam à era dos califas abássidas. A seguinte apresentação e tradução do relato *Uma anedota sua com três* (*ḥabaruhu maʿ talāta*) procura transpor ao português brasileiro o fragmento desse importante momento da cultura árabe, dos primeiros séculos do Islã.

**Palavras-chave:** Abu Nuwas, Abu Hiffan, Árabe, Tradução, Poesia.

**Abstract:** Abū-Hiffān ʿAbd-Allāh Ibn-Aḥmad Almiḥzamī was an important transmitter of the Arabic literature of the ninth century AD / III H. The compilation of stories (*aḥbār*) that he recorded about Abū-Nuwās became an authorized reference regarding to the production of this *innovative* poet. *The Stories of Abū-Nuwās* contribute to the fabulous tales that are placed in the era of the Abbasid caliphs with themes of wine and eroticism. The following introduction and translation of the narrative *An anecdote of him with three* (*ḥabaruhu ma 'talāta*) intends to transpose into Brazilian Portuguese the fragment of this important moment of the literature in Arabic language, from the first centuries of Islam.

**Keywords:** Abu Nuwas, Abu Hiffan, Arabic, Translation, Poetry.

---

Abū-Hiffān ʿAbd-Allāh Ibn-Aḥmad Almiḥzamī (?-869 d.C./ ?-255 H.) foi um poeta e narrador de poemas, colecionador de histórias (*aḥbār*)<sup>1</sup> e um importante transmissor da literatura árabe. Proveniente

---

<sup>1</sup> Com base na raiz da palavra *ḥabar* (relato, notícia), o termo *aḥbār* (relatos, notícias) parece corresponder ao sentido que obtemos atualmente em português no termo *histórias*, conforme o significado de sua antiga grafia *estórias*. Destaca-se sobre esse gênero de narrativas não o rigor cronológico ou documental, mas a seleção de relatos pessoais, assegurados por uma cadeia de narradores (*isnād*) que, pela variedade das vozes autorizadas, dá ciência de uma informação, Cf. Rosenthal, 1968, p. 66. Já no contexto da sociedade abássida, em que essas narrativas serviram ao registro de biografias de notáveis, esse termo, referindo-se à coletânea de atos

de uma família de Basra, quando jovem foi aprendiz do poeta Abū-Nuwās (757-815 d.C./ 139-199 H.) e redigiu, no século IX d.C./ III H., uma compilação de suas anedotas, chamada *Histórias de Abū-Nuwās* (*Aḥbār Abī-Nuwās*), um texto fundamental para a difusão dos enunciados atribuídos a Abū-Nuwās até a atualidade.

A obra de Abū-Nuwās é estudada nos meios acadêmicos e literários principalmente devido às características que a situam entre a dos inovadores (*almuḥdaṭūn*) da literatura árabe a partir do século VIII d.C./ II H, em que se presta grande reconhecimento à sua poesia de vinho (*ḥamriyya*). O que é registrado sobre sua conduta depravada e desordeira, por outro lado, estimulou amplamente a produção de narrativas que, desde seus contemporâneos e de modo ampliado após sua morte, multiplicam referências a seu nome, representando uma figura irreverente, espirituosa e muito eloquente.

A prática de determinados poetas, entre os séculos I e II da Hégira, VII-VIII d.C., representou uma notável mudança no fazer literário em língua árabe e ficou conhecida como o movimento dos inovadores. Além de Abū-Nuwās, poetas como Baššār Ibn-Burd (714-784 d.C./ 95-167 H.),<sup>2</sup> Muslim Ibn-Alwalīd (747-823 d.C./ 130-208 H.),<sup>3</sup> Abū-Tammām (804-845 d.C./ 188-231 H.),<sup>4</sup> Almutanabbī (915-965 d.C./ 303-354 H.)<sup>5</sup> e Abū-Al<sup>c</sup>alā' Alma<sup>c</sup>arrī (973-1058 d.C./ 363-449 H.)<sup>6</sup> transcenderam as referências poéticas pré-islâmicas para expressar suas respectivas sensibilidades à nova cultura ascendente nas regiões do Hijaz, de Damasco e Bagdá. O resultado foi uma produção que trabalhou com as formas consideradas tradicionais da literatura árabe – em termos de influência, empréstimos, cópia ou imitação –, mas as marcou por novas influências e por invenção. Surgiram dessa ação não apenas

---

memoráveis – cômicos e jocosos, quando se trata de Abū-Nuwās –, possibilita um sentido em português brasileiro próximo de *anedotas*.

<sup>2</sup> Cf. Blachère, 1986, p. 1080-1082.

<sup>3</sup> Cf. Kratschkowsky, 1993, p. 694-695.

<sup>4</sup> Cf. Ritter, 1986, p. 133-135.

<sup>5</sup> Cf. Blachère & Pellat, 1993, p. 769-771.

<sup>6</sup> Cf. Smoor, 1986, p. 927-935.

uma diversidade de *éthos* poéticos e estruturas de poemas, mas ainda categorias de compreensão da poesia que situavam os enunciados em chaves temáticas específicas de entendimento. Tornou-se usual a composição de poemas de amor, libertinos, de caça, poemas ascéticos, ou poemas que descrevem cenas em que se bebe o vinho.

Segundo o poeta e crítico literário sírio Adonis (1997, p. 210), a transformação literária nesse período teria sido moldada, ao menos, sobre três dimensões: um *éthos* poético; o novo contexto social; e as influências externas. Destaca, a princípio, um aspecto linguístico-metafórico, que se refere à sobreposição de uma *retórica da realidade* pré-islâmica completamente transformada pela nova visão de mundo estabelecida pelo Islã. Essa mudança de posicionamento do poeta no mundo reflete uma alteração de contexto, marcada pela relevância da condição urbana, principalmente no que oferece de valores que simbolizam a civilização, em oposição ao deserto. O período entre os califados omíada e abássida testemunhou, nesse sentido, a transposição de uma arte ritual espontânea pré-islâmica para uma de aprimoramento técnico mais rigoroso, dirigida a reis, líderes e notáveis em troca de pagamento (Muhsin, 2006, p. 11). Por fim, Adonis aponta naqueles poetas a influência estrangeira como um fator que resulta na assimilação de práticas estilísticas e temáticas de outras culturas. A inovação atribuída à obra de Abū-Nuwās, então, indica o reconhecimento de uma renovação. Esse percurso não seria apenas a negação do clássico pré-islâmico, mas sua afirmação em uma “sistematização artístico-intelectual no âmbito estético que esta renovação descobriu, tanto no plano da teoria como no da expressão” (Adonis, 1997, p. 222).<sup>7</sup>

A forma reconhecida como predominante da poesia árabe clássica, referente ao período pré-islâmico e boa parte do califado omíada, era a *cacida* (*qaṣīdah*), um poema longo, contendo dezenas de versos divididos em dois hemistíquios e organizados segundo um

---

<sup>7</sup> “[...] sistematización artístico-intelectual en el ámbito estético que esta renovación descubrió, tanto en el plano de la teoría como en el de la expresión.” Tradução do Prof. Dr. Michel Sleiman para fins didáticos.

mesmo ritmo e uma mesma rima final para todas as linhas do poema. As cacidas (*qaṣā'īd*) eram politemáticas. Iniciadas, em geral, com versos de amor (*nasīb*) – após o poeta confrontar as ruínas do acampamento de sua amada –, seguiam pela descrição (*waṣf*) de um camelo ou da paisagem do deserto, concluindo com uma seção que expressa a proposição (*qaṣd*) específica daquele poema – reprovação, glorificação, exaltação da memória. É preciso ter em mente, porém, que a cacida não era apenas uma estrutura textual, mas um movimento lírico, uma prática de expressão do ego do enunciador em chaves de autoelogio e invocação de impulsos carnis e psíquicos (Blachère, 1991, p.1028). Sobre a prática da cacida, afirma o pensador das letras árabes do século IX d.C./ III H., Ibn-Qutayba (828-889 d.C. / 213-276 H.):<sup>8</sup>

Eu ouvi um homem de letras dizer que o autor de uma cacida começa falando sobre acampamentos, destroços, vestígios; ele chora, reclama, fala sobre o lugar do acampamento e encoraja seu companheiro a parar e aproveitar a oportunidade para falar sobre pessoas que se afastaram dele. Pois os habitantes das tendas vivem incessantemente entre um acampamento e uma partida, ao contrário das pessoas que vivem nas casas da cidade; eles se movem de um ponto de água a outro, procuram pastos de grama e perseguem os lugares que a chuva acabou de regar, onde quer que estejam. A este início o poeta encadeia a canção de amor (*nasīb*); ele deplora a violência de sua paixão, os males da separação, o excesso de sua ternura e desejo, a fim de conquistar corações, virar rostos para ele e obter a atenção dos ouvintes. [...] Quando o poeta constatou que conseguiu a atenção e a benevolência da audiência, passa à afirmação de seus direitos; ele parte em seu poema, queixa-se do cansaço e das suas vigílias, dos deslocamentos durante a noite, do calor do meio-dia, do cansaço do seu camelo e de sua camela. Quando ele sente que estabeleceu bem o personagem que ele aborda, seu direito à esperança e de encontrar satisfação em seus desejos, e que convenceu dos males que sofreu durante sua jornada, ele começa o elogio (*madīḥ*). Incita-o a compensá-lo e

---

<sup>8</sup> Cf. Lecomte, 1986, p. 844-847.

a ser generoso. Ele o exalta acima de seus pares e os rebaixa diante de sua grandeza. (Ibn-Qutayba, 1947, p. 13-14)<sup>9</sup>

Embora na poesia árabe anterior (da pré-islâmica à omíada) a introdução amorosa (*nasīb*) da cacida e a descrição (*waṣf*) nunca ocorressem de forma independente, como poemas elas mesmas, era comum uma proposição (*qaṣd*) de encerramento ser entendida como objeto de um curto poema monotemático independente chamado *qiṭāʿ* ou *muqaṭṭaʿa* (Schoeler, 2010, p. 3-4). Sob a ação dos poetas inovadores as partes todas da cacida passaram a ser isoladas em unidades poéticas, como conteúdos temáticos que, por um conjunto de elementos discursivos específicos, passavam a expressar novas situações poéticas. Ao desenvolver esses tipos independentes, os poetas se basearam tanto na poesia árabe tradicional como em materiais importados das culturas sob hegemonia árabe, notavelmente da cultura persa.

Abū-Nuwās chegou à mais alta fama, principalmente, por conta de seus poemas que tratam o tema de vinho (Schoeler, 1998, p. 42; Wagner, 1986, p. 144). Nesse gênero, é considerado o maior poeta árabe, sendo a principal referência para todos os que posteriormente trataram do tema. Sua obra consolida nos primeiros séculos do Islã o tema de vinho como um gênero poético autônomo, conhecido em árabe como *ḥamriyya*. Sob a ordem moral monoteísta e abstinência em construção, realizou-se a princípio subversiva explorando temas como a adoração da figura feminina e homossexualidade, além do

---

قال أبو محمد: وسمعت بعض أهل الأدب يذكر أن مقصد القصيد إنما ابتدأ فيها بذكر الديار والدمن والآثار،<sup>9</sup> كان نازلة فيكى وشكا، وخاطب الربيع، واستوقف الرفيق، ليجعل ذلك سبباً لذكر أهلها الطاعنين عنها، إذ الكأ، العمد في الحول والظعن على خلاف ما عليه نازلة المدر، لانتقالهم عن ماء إلى ماء، وانتجاعهم الصبابة، وتتبعهم مساقط الغيث حيث كان. ثم وصل ذلك بالنسيب، فشكا شدة الوجد وألم الفراق وفرط والشوق، ليميل نحوه القلوب، ويصرف إليه الوجوه، وليستدعي به إصغاء الأسماع إليه. [...] فإذا علم أنه قد النصب والسهر استوثق من الإصغاء إليه، والاستماع له، عقب بإيجاب الحقوق، فرحل في شعره، وشكا حق الرجاء، وذمامة وسرى الليل وحل الهجير، وإنضاء الراحة والبعير، فإذا علم أنه قد أوجب على صاحبه التأميل وقرر عنده ما ناله من المكاره في المسير، بدأ في المديح، فبعثه على المكافأة، وهزه للسماح، وفضله على الأشباه، وصغر في قدره الجزيل.

consumo de vinho, consolidando padrões discursivos que serão reconhecidos, sem dúvida, a partir do século X d.C./ IV H.

Já no século IX d.C./ III H., Abū-Nuwās foi registrado em coletâneas de seus poemas (*dīwān*, pl. *dawawin*) e de anedotas (*aḥbār*) que veiculavam enunciados associados a práticas libertinas e homoeróticas, caracterizando assim um certo éthos literário. Essa personagem, em reelaborações escritas posteriores, dentre os séculos XV e XVIII d.C./ IX–XII H., foi incluída entre as histórias das *Mil e uma noites*, tornando ainda mais notável a já fabulosa Bagdá da era dos primeiros califas abássidas.

A coletânea de narrativas de Abū-Hiffān sobre Abū-Nuwās, o *Aḥbār Abī-Nuwās*, é uma das mais antigas e, ainda atualmente, um dos mais referenciados documentos sobre o poeta inovador. Ibn-Annadīm, no livro *O catálogo (Alfihris)*,<sup>10</sup> destacou a forte relação da obra de Abū-Hiffān com a poesia dos inovadores.

[Abū-Hiffān] Será lembrado com relação aos poetas inovadores. Foi um narrador de anedotas e de obras autorais. Entre seus livros estão O quarto livro de histórias dos poetas [*Kitāb al'arba'a fi aḥbār aššu'arā'*] e A arte da poesia [*Šinā'at ašša'ir*], um grande livro, do qual vi uma parte. (Ibn-Annadīm, 1872, p. 144)<sup>11</sup>

Além de promover a personagem literária de Abū-Nuwās em situações cômicas, eróticas, profanas, libertinas que ampliam sua celebridade, a obra de Abū-Hiffān, provavelmente uma parte da coleção do *quarto livro* citado por Ibn-Annadīm (Macdonald, 1907, p. 86), tornou-se um componente essencial das compilações póstumas de histórias e poemas atribuídos a Abū-Nuwās. O manuscrito nº 946 da Biblioteca Ḥakīm Aūglū de Istambul, do seu *Aḥbār Abī-Nuwās*, datado de 1714 d.C./ 1125 H., por exemplo, foi um dos documentos utilizados na composição da obra *Dīwān Abī-*

<sup>10</sup> Registro de todas as obras conhecidas em língua árabe, até então, escrito no século XI d.C./ V H.; modernamente republicada como Ibn Nadim, 1964.

<sup>11</sup> وسيتم ذكره في جملة شعراء المُحدثين وكان اخباريا راوية مصنفا ولة من الكتب كتاب الاربعة في اخبار الشعراء كتاب صناعة الشعر كبير رأيت بعضه.

*Nuwās*, publicada em cinco volumes pela Associação de Orientalistas Alemães (Abū-Nuwās, 2002; Abū-Nuwās, 2003a; Abū-Nuwās, 2003b; Abū-Nuwās, 2003c; Abū-Nuwās, 2003d), sob a organização de Ewald Wagner e Gregor Schoeler, contemporaneamente a coleção mais ampla dos poemas de Abū-Nuwās. O *Aḥbār* de Abū-Hiffān foi ainda a principal referência para o famoso filólogo Ibn-Mandūr (1233-1311 d.C./ 630-711 H.) produzir seu próprio *Aḥbār Abī-Nuwās*, editado modernamente no Cairo por Muḥammad ʿAbd-Arrusul Ibrāhīm e ʿAbbas Aššarbinī (Ibn-Mandūr, 1924). Também na obra *As gerações de poetas (Ṭabaqāt aššūʿarāʿ)*, que reúne histórias e anedotas (*aḥbār* e *nawādir*) de vários poetas do período abássida, o califa por um dia, Ibn-Almuʿtazz (861-908 d.C./ 247-296 H.), reproduziu trechos da obra de Abū-Hiffān, no artigo intitulado *Aḥbār Abī-Nuwās* (Ibn-Almuʿtazz, 1956, p. 192-217).

Com o título *Aḥbār Abī-Nuwās*, o livro de Abū-Hiffān foi editado modernamente no Cairo por ʿAbd-Assattār Aḥmad Farrāj, em 1954, como parte da coleção *Fontes da literatura árabe (ʿUyūn alʿadab alʿarab)*. O texto a seguir é a tradução da história *Uma anedota sua com três (ḥabaruhu maʿ ṭalāṭa)*, identificada como a 25ª da coletânea de Abū-Hiffān (1954, p. 60-66).<sup>12</sup> O relato narra um embuste do poeta para possuir três adolescentes (*ḡulām*, pl. *ḡilmān*). Ao despedir-se dos jovens, canta alegre sua aventura em versos.

## Tradução

Abū-Hiffān disse: narrou-me Yūsuf Ibn-Addāia<sup>13 14</sup> que, durante sua estadia no Egito, Abū-Nuwās saiu ao encontro de

---

<sup>12</sup> Cf. o *Anexo* após a tradução.

<sup>13</sup> N. do T.: Seguem traduzidas também as notas de ʿAbd-Assattār Aḥmad Farrāj, que compõem a edição do Cairo de 1954.

<sup>14</sup> Esta anedota é encontrada em Ibn-Manzūr, volume 1, página 244, sem citação da fonte [*sanad*]. Seu relato da anedota diferencia-se em expressões e por muitos acréscimos, mas não se diferencia em seu sentido. A anedota e a poesia são encontradas no livro *Humor e genialidade [alfukāha wa aliʿtnaʿ]*, a partir da página 30.



Alḥaṣīb Ibn-<sup>c</sup>Abd-Alhamīd<sup>15</sup> e deparou-se com três garotos (*ġilmān*) jovens e bonitos como pavões. Dotados de graça, decoro e hombridade, tinham boas formas, de modo que não havia ninguém no Egito que os superasse em elegância, charme e perfeição. Um deles era descendente de Šabiṭ Ibn-Rabi<sup>c</sup>ā Attamimā e os outros dois eram irmãos filhos dos Dahāq.<sup>16</sup> Ao vê-los, Abū-Nuwās ficou admirado com a virtude e a beleza dos rapazes e se esforçou por ignorá-los com todos os estratagemas, até que, exaurido, admitiu-se em desespero ao ouvir um deles dizer ao outro, “Domingo, arrumaremos o café da manhã”. Preparou-se para aquele dia. E quando chegou, levantou bem cedo, vestiu uma *jubba*<sup>17</sup> de lã, raspou sua cabeça e aparou a barba, pegou um *karzan*<sup>18</sup> e foi espreitá-los no mercado,<sup>19</sup> fingindo a aparência de um carregador. Quando os encontrou, seguiu-os até um lugar onde compraram o que buscavam e rapidamente tomou de suas mãos dizendo “Eu carrego”. Disseram “Aqui está!”, e ele foi levando suas compras. Quando chegaram ao local em que se hospedavam, repousou o *karzan* e descarregou todas as coisas que estavam com ele. Logo, aprontou um punhado de lenha, acendeu o fogo e cozinhou um picadinho.<sup>20</sup> Eles apreciaram o tempero e disseram “Você é cozinheiro?”, ele disse “Isso foi há muito tempo”.<sup>21</sup> Então,

---

<sup>15</sup> N. do T.: “Quando o célebre poeta Abū-Nuwās viajou de Bagdá para o Cairo para recitar um elogio a Alḥaṣīb Ibn-<sup>c</sup>Abd-Alhamīd, chefe do *gabinete de impostos* [*dīwān alḥarāj*] do Cairo, ele adicionou no poema os nomes dos lugares que havia no caminho”, cf. Ibn-Ḥallikān, 1972, v. 1, p. 61.

<sup>16</sup> Em Ibn-Manzūr: descendente de Šabiṭ Ibn-Rabi<sup>c</sup>ā Attamimā, o outro de ‘Aṭīa Ibn-Al’Asuad Alḥarijī e o terceiro era descendente dos Dahāq.

<sup>17</sup> N. do T.: Espécie de vestido longo similar às *jalabiyyas*, porém com uma grande abertura à frente.

<sup>18</sup> *karzan*: o machado grande.

<sup>19</sup> Em Ibn-Manzūr: mercado de cabritos, cordeiros e manjerição.

<sup>20</sup> Está assim no original e talvez seja uma corruptela [*muḥarafa*] de *uma panela* [*qidrān*, em vez de *qidādān*].

<sup>21</sup> Está assim no original.

olhou para um garrafão junto a uns copos cobertos de poeira e exortou-se a apanhá-lo. Atirou-se em sua direção e revelou enquanto o limpava, escovou os assentos e arrumou as canecas.<sup>22</sup> Colocou em ordem os ramos de manjerição, descobriu os braços e lhes deu de beber. Cantou para eles, declamando às vezes, e outras dedilhando a *ṭanbūrā*.<sup>23</sup> Sentiram admiração por ele quando viram tudo aquilo que apresentara e lhe disseram “Carregador, fique conosco hoje”, a que ele respondeu “Sou vosso servo e criado. Irão ver que sou um descamisado, de baixa condição, mas, se me vestirem de linhos como os seus, merecerão a recompensa de Deus forte e majestoso. Tenham minha gratidão e minhas orações”, e eles fingiram que não reparavam. O que ele queria era seduzi-los e encobrir<sup>24</sup> a situação para que não suspeitassem dele. Disseram “Que assim seja. Deus te abençoe. Aprovamos sua estadia, fique à vontade”. Ele se sentou com eles. Depois que se alimentaram, ele derramou água sobre suas mãos, mas deu-lhes de beber o vinho antes disso, com a comida,<sup>25</sup> três rodadas, e os representou pelo verso que segue:<sup>26</sup>

---

<sup>22</sup> No original: *a caridade deles* [*zakātuhum*] e não há semelhança com *rakuwāt*, plural de *rakūwa*, e de seu significado: a vasilha pequena de couro em que se bebe água. Confirma isso a fala de Ibn-Manzūr: arrumou seus utensílios e empilhou o manjerição.

<sup>23</sup> N. do T.: Instrumento de cordas antigo originário da Mesopotâmia.

<sup>24</sup> Encobriu deles a situação, o encobre [*labasa*] – como *ḍaraba yaḍribu* –, confundiu-os, fingindo ser um outro ocultamente. N. do T.: O editor indica nessa nota que a orientação vocálica do verbo destacado é *labasa* (encobrir), não *labisa* (vestir), utilizando como modelo o verbo *ḍaraba* (bater).

<sup>25</sup> *alḡamar*: significa que tinham as mãos engorduradas de carne, e talvez quisesse servir-lhes três copos antes que lavassem suas mãos depois de comerem.

<sup>26</sup> Não encontrei este verso nas fontes que estão em minhas mãos, além de que a métrica é diferente em cada hemistiquio.

*Três copos com marcas de gordura  
deixam o rosto como a lua.*<sup>27</sup>

Foi buscar o garrafão de bebida lacrado com barro, perfurou-o<sup>28</sup> e derramou dele para servir os presentes. Continuou, pois, a beber e a servi-los e, enquanto isso, entretia e os divertia. Então, olharam para sua cabeça raspada e puseram-se a bater nela, e ele suportou aquilo, uma vez que alimentava artimanha e trapaça contra eles. Sua intenção era embebedá-los e sedá-los, assim, ficou com eles até que a noite os encobriu. Para estimulá-los à bebedeira, chacoalhava, distraia e servia vinho para que eles excedessem o limite. Logo despencaram adormecidos sem consciência, bêbados, e ele preparou-se para o encontro. Quando percebeu que havia condições para a oportunidade, aproximou-se e satisfez seu desejo de estar com eles... disse “Por Deus que me vingarei de seus testículos, pelo que fizeram em minha nuca (*qamaḥdūtà*)”...<sup>29</sup> e quando cansou e não pode mais... e não restou nele forças, embebedou-se e dormiu como eles, de bruços... Assim o fez. Quando o primeiro deles acordou e viu sua situação desaprovou-a e, suspeitando de Abū-Nuwās, disse “Isso é coisa do carregador, ele o fez” e acordou o segundo e o terceiro. Suas condições eram as mesmas, e contrariados daquilo disseram “Quem nos violou está neste local, e certamente foi o carregador” – que se fingia de adormecido e bêbado, enquanto escutava suas palavras – e olharam para ele. Mas se, então, estava como os outros, despido das ceroulas e

---

<sup>27</sup> N. do T.: A poesia árabe antiga é registrada em dois hemistíquios separados por uma pequena tabulação, ou seja, cada verso do poema é segmentado no meio. Sendo a língua árabe mais sintética que o português, a tradução nem sempre mantém aquela configuração. Por isso, nessa tradução os segundos hemistíquios foram deslocados para a linha de baixo dos versos e orientados à direita da página.

<sup>28</sup> *bazalahu*: perfurar [*taqabahu*].

<sup>29</sup> No original, *qaḥdūta*, uma corruptela [*tahrīf*]. A *qamaḥduwa* é a parte posterior da cabeça.

úmido no ânus. Disseram “O que é isso, senão um ato do Demônio?” e o acordaram. Ao despertar, indignou-se e ardeu de cólera, disse “Que Deus vos desonre, pelo que fizeram a um ancião como eu. Não são temerosos a Deus, nem se envergonham dos meus cabelos brancos. Por Deus, vou me queixar de vocês ao mundo”. Eles lhe disseram “Tema Deus, que isso foi feito em nós todos”. Acalmou-se e, em seguida, disse “Se ocorreu como sustentam, estou em boa semelhança a vocês”. Um deles disse ao outro “Não vê que, se ele divulgar essa história, somente trará um escândalo sobre nós? E Abū-Nuwās está no país. Se ele ouvir essa história, onde haverá refúgio das suas sátiras?” Um a um foram, então, se banhar. Depois, Abū-Nuwās disse “Rapazes, ontem, todos nós fomos desposados, então, adiantemo-nos ao prazer, bem cedo, com a pressa dos noivos”. Disseram “Verdade!”, então, alimentaram-se e puseram-se a beber. Quando o vinho já dava volta em suas cabeças, levantou-se Abū-Nuwās como se fosse cumprir uma necessidade e saiu. Vestiu uma roupa distinta, dada por Alḥaṣīb e perfumou-se. Voltou até eles. Quando entrou pela porta, disseram “Ei, quem é você?” Respondeu “Sou o carregador que ontem fez de vocês noivos”. Disseram “Por Deus, você é Abū-Nuwās?”, ele disse “Por Deus, sou Abū-Nuwās. O que acharam?” Todos bateram com a mão na testa. Envergonharam-se, escavando<sup>30</sup> a terra, tímidos e embaraçados. Ele disse, então, “O que aconteceu aconteceu, e eu vou beber. Acompanhem-me, pois, até terminarem seu dia. Seria o mais apropriado a vocês”. Beberam, assim, ao ódio deles e à profunda vergonha. E quando o sol se pôs, o poeta partiu, recitando:<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> No original: Violando a terra [*yankiṭu*, em vez de *yankitu*].

<sup>31</sup> Consulte o poema em Ibn-Manẓūr, p. 246, e no *Alfukāha*, p. 31, para visualizar a diferença dos versos.

*Jovens iguais a colossos reunidos*  
*como dinares recém cunhados*  
*O acaso me levou a eles, quando*  
*diziam que chegava o domingo*  
*Sairiam cedo, antes da oração,*  
*e fui ao lugar que combinaram*<sup>32</sup>  
*Peguei um machado, uma manta*  
*e miha, com cordões de fibras de palmeira*<sup>33</sup>  
*Por isso, madruguei a espreita*  
*apareceram ao amanhecer e não se separaram*<sup>34</sup>  
*Até que compraram suas coisas*  
*e a situação propícia foi armada*  
*Cheguei a eles, “Eu carrego*  
*tenho comigo as correias para levar*<sup>35</sup>  
*Corda firme, miha e eu*  
*carregador, sabido e experiente”*  
*“Pegue-as, então. É com você.*  
*Será recompensado com o que pudermos”*  
*Corri, como um camelo deles*  
*carregando até o lugar onde moravam*  
*Umedeci o chão e o varri*  
*preparei a comida, no fogo de lenha*  
*Já que havia ânfora e copos*  
*pensei no seu canto ao transbordar*

<sup>32</sup> Em Ibn-Manzūr e no livro *Alfukāha*: prometeram [*waʿadū*, em vez de *ʿamadū*].

<sup>33</sup> Não encontrei no idioma falado a palavra *miha* com o significado exigido e não identifiquei a fonte da distorção. Aparentemente, trata-se da ferramenta dos carregadores. Ocorreu neste segundo hemistíquio e talvez seja uma corruptela da palavra *em* [*fī*].

<sup>34</sup> Esse verso não existe no livro *Alfukāha*. Em Ibn-Manzūr, é dito:

*Pra isso, fantasiei-me a espreita deles*  
*e apareceram magicamente como combinado.*

[*ʿamdan tanakartu wa irtaşadtuhumū*

*ḥatà ʿatū saḥratan kamā taʿadū]*

<sup>35</sup> Está registrado em outras fontes: preparativos [*alʿudad*]. O termo *correias* [*alqidad*] é o plural de *correia* [*qad*], e é uma cinta de couro.

Alcei-me à garrafa e a lavei  
    até que brilhasse como granizo  
 Impressionei os imberbes, leviano,  
    e eles não levavam a sério  
 “Fique para nos servir – disseram  
    antes que a noite nos surpreenda”  
 Decepei, então, um gargalo  
    derramando, fino como uma estaca  
 Precipitou-se como de um homem  
    que escorre o sangue jorrado  
 Segui servindo-lhes o brilhante  
    e os corpos guardavam o efeito dos copos  
 Até que vi suas cabeças pensas  
    e os pescoços já sem energia  
 Línguas e pernas travadas  
    segurando a cabeça, escorados  
 Fiquei arrepiado de tesão<sup>36</sup>  
    e todos ficaram de quatro excitados.

...

Oh, noite, fiquei colhendo os deliciosos frutos doces e  
 castos  
 De um a outro, foi imperioso que  
    eu os penetrasse, de novo e de novo  
 Tinham a alegria das estrelas  
    ou das lâmpadas quando brilham  
 Até que me enfadei de seus ânus  
    e exauriu-se<sup>37</sup> o que estava ereto

---

<sup>36</sup> N. do T.: Na edição do Cairo (Abū-Hiffān, 1954, p. 65), há reticências no final deste hemistíquio. Porém, na edição alemã do *Dīwān Abī-Nuwās* (Abū-Nuwās, 2003d, p. 23), na obra *Alfukāha wa ali'tna'* (‘Abd-Almuta‘āl, 1899, p. 32) e na edição de Beirute (Abū-Hiffān, 2011, p. 95), nesta lacuna está escrito “para fodê-los” (*linaikihimu*).

<sup>37</sup> N. do T.: Na edição do Cairo (Abū-Hiffān, 1954, p. 65), utilizada para essa tradução, há reticências neste verso. A edição de Beirute (Abū-Hiffān, 2011, p. 96) apresenta o verso “e exauriu-se o meu pênis que estava ereto” (*wa kalla 'ayrī famā*

Quando a festa chegou ao fim  
   eu os abandonei e as taças foram largadas  
 Retornei à minha casa, onde  
   enfeitei-me e embelezei-me muito  
 Vesti-me com Qūhiya e 'Ardiya  
   de trama egípcia, todos novos  
 “Quem é você?”, “Seu dono!”  
   “Que nenhum juízo abençoe vocês, nem norma”  
 “Eu sou aquele que fodeu<sup>38</sup> vocês”.  
   “Nuwās!”, disseram. “Mas sim!”<sup>39</sup>  
 Depois, cantei alegremente amado  
   “Quem dera Salma cumprisse o que prometeu”.

## Anexo

Fotocópia da história *Uma anedota sua com três* (*ḥabaruhu ma' talāṭa*) do *Aḥbār Abī-Nuwās*, editado no Cairo por 'Abd-Assattār Aḥmad Farrāj, em 1954, utilizado nesta tradução.

---

bihi jaladu). O verso foi omitido na obra *Alfukāha wa ali'tna'* ('Abd-Almuta'āl, 1899, p. 32) e no *Dīwān Abī-Nuwās* (Abū-Nuwās, 2003d, p. 23).

<sup>38</sup> N. do T.: Na edição do Cairo (Abū-Hiffān, 1954, p. 66), há reticências neste verso. A edição de Beirute (Abū-Hiffān, 2011, p. 96) apresenta o verso “Eu sou aquele que fodeu vocês” ('anā allaḏī niktukum bi'ajma'ikum). O verso foi omitido na obra *Alfukāha wa ali'tna'* ('Abd-Almuta'āl, 1899, p. 32) e no *Dīwān Abī-Nuwās* (Abū-Nuwās, 2003d, p. 23).

<sup>39</sup> No livro *Alfukāha*: Disseram “Olhamos, como se fosse espuma”.

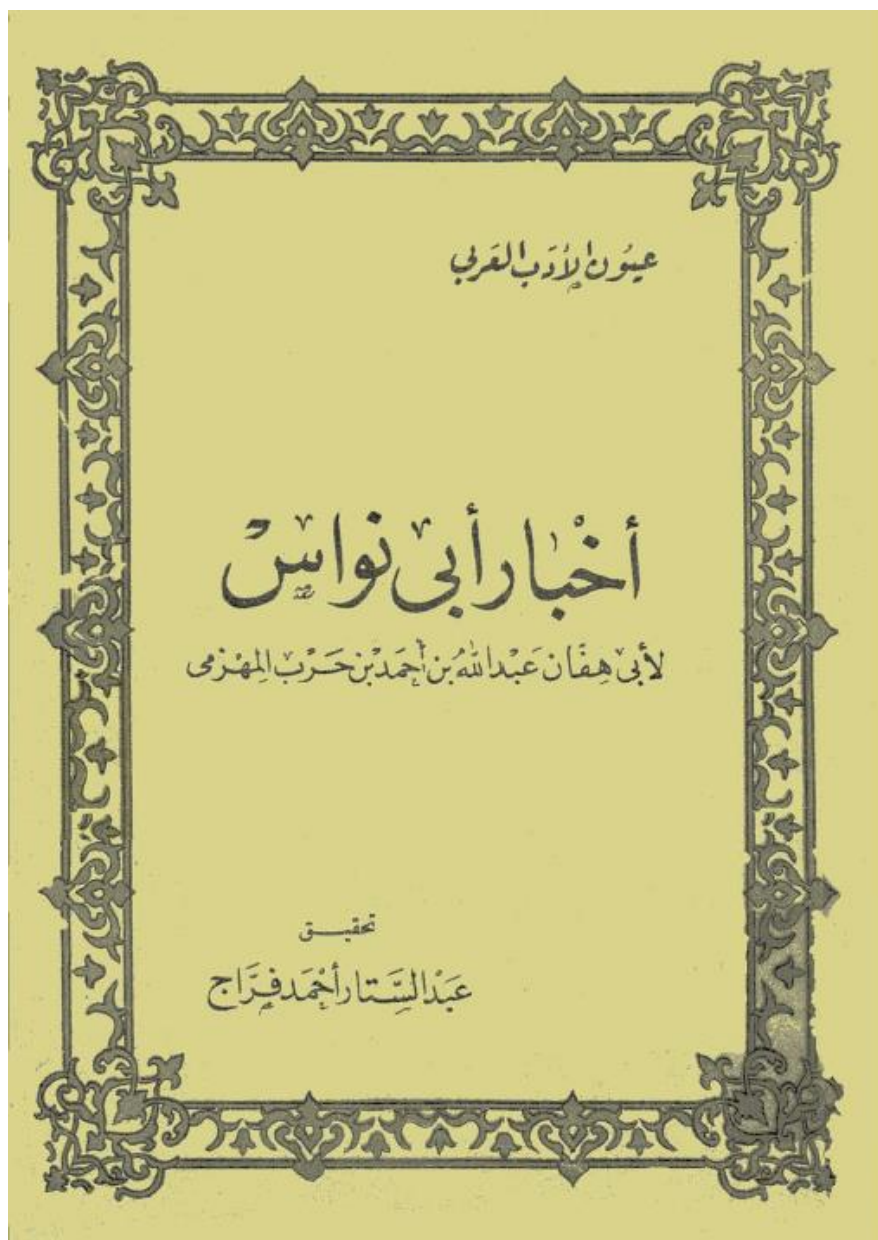


Figura 1: Capa.



- ٩٤ -

ووارثتم مني ما ترون - وإنما أراد أن يستغويهم وَيَلْبِسُ<sup>(١)</sup> عليهم الخالَ  
 لثلاثا يَفْطَنُوا به في مقامه عندهم - فقالوا له : تفعل وكرامة ونجسن إليك  
 ونكرم مثواك فطَبَّ نفسا . فقمده معهم فلما تخذوا صبَّ على أيديهم  
 الماء وسقاهم الخمر قبل ذلك على العَمَرِ<sup>(٢)</sup> ثلاثة ثلاثة وتمثل لهم بهذا  
 البيت وهو له<sup>(٣)</sup> :

ثلاثة على العَمَرِ ترك الوجوه كالقَمَرِ .  
 ثم قام إلى دنَّ شراب مُطَيَّنٍ قَبْرَ له<sup>(٤)</sup> ثم سكب منه وسقى القوم ،  
 فلم يزل يشرب ويسقيهم وهو في خلال ذلك يطربهم ويلهيههم ، ونظروا  
 إلى رأسه مخلوقا فأقبلوا يطرقون له وهو يحتلمهم على ذلك لما أضمره لهم  
 من المكيدة والمخاتلة . وهمه أن يسكرهم وينومهم فلم يزل بهم حتى جثمهم  
 الليل وكلام مال بهم السكر هزيم وألهام وسقام حتى جلوز بهم المقدار  
 غفروا نياحا لا يقولون سُكْرًا واستمد للقاء فلما علم أنه قد أمكنته الفرصة  
 قام إليهم قفضى وطره . . . وقال : والله لأتقمن لقمحذوق<sup>(٥)</sup> من  
 خصاكم فلما خبر وأعيأ . . . . . ولم يبق فيه حركة نساكر ونام  
 كهيئتهم على وجهه . . . . . كفعله

(١) لبس عليه الأمر يلبسه - كضرب يضرب - : خلطه وجعله مشتبهًا بشيء خافيا .  
 (٢) العَمَرُ : من معانيه تعلق دسم اللحم باليد ولله يريد أنه سقام ثلاثة أقداح قبل أن يسلوا  
 أيديهم بيد أن أكلوا .  
 (٣) لم أعر على هذا البيت في المصادر التي بين يدي والبيت مع ذلك يختلف وزن شطريه .  
 (٤) بَرَّ له : لقيه .  
 (٥) في الأصل قحذوق وهو تحريف والمحدودة مؤخر الرأس

- ٩١ -

صرح به اليأس عن الوصول سنع بعضهم يقول للآخرين . إذا كان يوم الأجد اصطبحننا . فلم يزل يتوقع ذلك اليوم ، فلما كان ذلك بكر ولبس جبة صوف وحلق رأسه وشيئا من لحيته وأخذ كرزنا<sup>(١)</sup> له وترصدهم في السوق<sup>(٢)</sup> كأنه حال فلما أقبلوا عليه تبعهم إلى الموضع الذي يتاعون منه حواجمهم تحف بين أيديهم وقال : أنا حال ، فقالوا : دونك ، حمل لهم ، فلما صار إلى مستقرهم وضع عنه الكرزن وفيه كل شيء كان معه ثم تحفف لهم في جمع حطب فأجج نارا وطبخ لهم قددا<sup>(٣)</sup> فعجبوا من طيبها وقالوا له : أطباخ أنت ؟ قال : لم أزل<sup>(٤)</sup> قديما ، ثم نظر إلى فتاتي لهم وأنداح علاها العبار فبادر وأخذها ثم اعتزل ناحية فجلاها ونظفها وكفس مجلسهم وأصلح زكواتهم<sup>(٥)</sup> ونضد رياحينهم وحسر عن ذراعيه يسقيهم وينقيهم وينشدهم تارة وينقر لهم طنبورا أخرى فأعجبوا به لما رأوا من تقدمه في كل شيء فقالوا له : يا حال أقم عندنا اليوم ، فقال : أنا عبدكم وخادمكم وقد ترون ما بي من العرى وسوء الحال وإن كسوتوني خلقا من أطاركم استوجبتم من الله عز وجل الثواب ، ومنى الشكر والدعاء

(١) الكرزن : الفأس الكبيرة .

(٢) في ابن منظور : سوق الجداء والحلان والريمان .

(٣) مكذافي الأمل ولعلها عمرة من « فدر »

(٤) مكنا بالأمل .

(٥) في الأمل : زكاتهم ولا وجه له والزكوات جمع زكوة ومن معانيها الإتياء الصنيع من الجهد يعرب

فيه الماء ، ويؤيد ما ذهب إليه قول ابن منظور : وصف أوانيهم ونضد ريحانهم .

- ٦٠ -

وبعد ذاك إن غلامى أتى به انكسار وبه لينه<sup>(١)</sup>  
 تخبرنى وجنته<sup>(٢)</sup> أنه قد طعن السكين فى التينة<sup>(٣)</sup>  
 فابعث بأخرى تلك مهزله لا يمتدى فى كفه طينه<sup>(٤)</sup>  
 قال : فضحك عمرو ونقل إليه جميع ما يحتاجه من التبيذ وصار  
 إليه معتزراً مما كتب إليه به .

٢٥ - أبو هفان قال : حدثني يوسف ابن الداية<sup>(٥)</sup> :

أن أبا نواس خرج إلى الحصيب بن عبد الحميد وهو يومئذ بمصر  
 وكان بها ثلاثة غلمان أحداث أقران حسان الوجوه كأنهم الطواويس  
 أصحاب ظرف وأدب ومروءة وأحوال جميلة ولم يكن أحد بمصر يتقدمهم  
 صباحة وملاحة وكألاً، وكان أحدهم من ولد شيب<sup>(٦)</sup> بن ربي التميمي  
 والآخرا ن أخوان من أولاد الدهاقين فلما رآهم أبو نواس أعجبه ما رأى  
 من حسنهم وجمالهم فاحتال فى التخلص إليهم بكل حيلة فأعياه ذلك فلما

(١) فى المنتخب : ٠٠ أن . . منك بأمر ظاهر الزينة .

(٢) فى المنتخب : خجلته .

(٣) طعن السكين فى التينة كناية عن الرواثة .

(٤) فى الأصل : يتندى والتسويب من التخب وفسر ذلك بما يأتي : قال قوله : لا يتندى ، فى كفه طينة معناه لا يتندى عليك بجمم الحاكم ، أى أنه يتكوه لى الحاكم فيصدر الحاكم أمره بعبابه  
 تحتوما بجمته .

(٥) ورد هذا الخبر فى ابن منظور ج ١ ص ٢٤٤ بدون ذكر سند . ويختلف سرد الخبر فى التميميات وي زيد فيه كثيراً ولت كان لا يختلف فى مضمونه وورد الخبر والفسر فى التكملة واللائتناس ص ٣٠ وما بعدها .

(٦) فى ابن منظور : من ولد شيب بن ربي التميمي والآخرا من ولد صلبة بن الأسود الخارجي والثالث من أولاد الدهاقين .

— ٩٣ —

بهم فلما اتبته أولهم ورأى حاله أنكرها واتهم أبانواس وقال : هذا عمل  
الْحَمَلِ وفعله واتبته الثاني والثالث فإذا أحوالهم كحالهم فامتعضوا لتلك  
وقالوا : ما كان ليدخل علينا داخل في هذا الموضع ، وإن هذا لفعل الحمال  
— وهم قد تناوم وتساكر لاستماع كلامهم — فنظروا إليه فإذا هو على  
مثل حالتهم محلول سراويل مبلول الاست فقالوا ما هذا إلا فعل شيطان  
وأنبهوه فاتبته وتغضب واستشاط وقال لهم : أخزأكم الله ، تفعلون  
بشيخ مثلي هذا الفعل أما تتقون الله أما تستحون من شيتي والله  
لأشكيونكم إلى العالم . فقالوا له : اتق الله فإن ذلك قد فعل بنا جميعا ،  
فسكن ثم قال : إن كان الأمر كما تزعمون فإن لي بكم أسوة حسنة ، فقال  
بعضهم لبعض : ليس الرأي أن يشيع هذا الخبر وإلا كان فضيحة علينا ،  
وأبو نواس في البلد ، وإن سمع بهذا الخبر فأين المهرب من هجائه فقام  
كل واحد فاغفل ثم قال لهم أبو نواس : يا فتيان ( كل ) واحد منا  
قد جعل البارحة عروسا فاصطبحوا وبأكرواللذة كباكرة العروس ،  
قالوا : صدقت فتغذوا ووضعوا الشراب فلما دارت الراح في روعهم  
قام أبو نواس كأنه يقضى حاجة تفرج ولبس ثيابا سرية من خلع الخصيب  
وتطيب ثم رجع إليهم . فلما دخل عليهم من الباب قالوا : يا هناء من أنت ؟  
قال : أنا الحمال الذي صيرتكم البارحة عرائس ، قالوا : أنت والله أبو نواس ؟  
قال : أنا والله أبو نواس فكيف رأيتم ؟ فصمق كل واحد يده على

- ٩٤ -

جِبْتَهُ وَاسْتَحْيَا وَجَعَلَ يَنْكُتُ<sup>(١)</sup> الْأَرْضَ اسْتِحْيَاءً وَتَحَاجِلًا ، فَقَالَ لَهُمْ :  
 قَدْ وَقَعَ الْأَمْرُ الْآنَ مَوْقِعَهُ وَأَنَا أَشْرَبُ فَإِنْ سَاعَدْتُمُونِي وَتَمَتَّعْتُمْ بِيَوْمِكُمْ كَبَانَ  
 ذَلِكَ أَوْفَقَ لَكُمْ . فَشَرِبُوا عَلَى كَرِهٍ مِنْهُمْ وَحَيَاءً شَدِيدًا فَلَمَّا أَمْسَى وَانصَرَفَ  
 أَنْشَأَ يَقُولُ<sup>(٢)</sup> :

وقتيه كالذي قد اجتمعوا	مثل الدنانير حين تَنَقَّدُ <sup>(٣)</sup>
قد سافني الحينُ نجوم فاذا	هُمُ يَقُولُونَ . إِنْ دَنَا الْأَحَدُ
فباكروا الرياح واقطعوه بها	فصرت للموضع الذي عمدوا <sup>(٤)</sup>
على لي كَرَزَنٍ وَمِشْمَلَةٍ	وميهة ٠ جبالها مسد <sup>(٥)</sup>
عمدا فبكرت وارتصدتهمو	حتى أتوا غدوة وما افردوا <sup>(٦)</sup>
حتى إذا ما اشتروا حواجيجهم	والحال تُرْجَى بِهِمْ وَتُرْتَصَدُ
قت إليهم فقلت أحملها	فإن عندي لجلها القدد <sup>(٧)</sup>
حبل ووثيق وميهة وأنا	بجملها عالم ومرتشد
قالوا نخذها فأنت أنت لها	سوف نكافيك بالذي نجد
فظلت أعدلوا كأنني جل	ينوء للموضع الذي قصدوا

(١) في الأصل : ينكت في الأرض .

(٢) راجع الشعر في ابن منظور ص ٢٤٦ والفكاهة ص ٣١ وانظر اختلاف رواية الأبيات

(٣) في ابن منظور والفكاهة : وعدوا .

(٤) لم أجد في اللغة لفظ ميهة تحتمل المعنى المطلوب ولم أتبين وجه تحريفها ويظهر أنها من أدوات المجالين ووقع في هذا الشعر الثاني غس ولعله ساقط منه لفظ « في »

(٥) لا يوجد هذا البيت في الفكاهة وروايته في ابن منظور :

عمدا تنكرت وارتصدتهمو حتى أتوا سحرة كما اتعدوا

(٦) رويت في المصادر الأخرى : العمد .

هذا القدد جمع قد ، وهو السير من الجلد .

- ٦٥ -

فصرت رشاشهم وكانهم وصرت طبائخهم وبى رمد  
 إنا الأباريق والزجاج بها نظرت فيها المفرد الصرد ؟ ؟  
 ففرت نحو الزجاج أغسله حتى تلاماً كأنه السبرد  
 فأعجب المرذ خفتى لهمو وليس فى خفتى لهم رشد  
 قالوا إلى أقمدها هات صب لنا وادر الليل قبل تتقد  
 فلقت إذ ذاك هامة وضعت على ضمئيل كأنه وتد  
 فر يهوى كأنه رجل تسيل منه الدماء متفصد  
 ما زلت أسقيهمو مشعشة يحذر من وقع كأسها الجسد  
 حتى رأيت الإهوس مائلة ولم يكن فى رقابها أود  
 واعتقلت السن وأسوقه ففيسك رأسه ومعتمد  
 قُت وبى رعدة . . . وكل من دب فهو مرتعد

يا ليلة بت أجتى ثمر اللذات معنأ البنواعم الخرد  
 من ذا إلى ذا وقد أمرت بأن أعفج هذا وكل منف أجد  
 كأنهم أنجم لهجتهم أو المصاييح حين تتقد  
 حتى إذا مللت عفجهو وكل . . . فما به جلد  
 (٥)

- ٦٦ -

حتى إذا المجلس استوى بهمو غادرتهم والكثوس تطرد  
 حرت إلى منزلي فأبْتُ وقد زينت نفسي وحلني الممدد؟  
 على قوهية وأردية من نسج مصر وكلها جلد  
 ثقيل من أنت قلت صاحبكم لا عقل يرجى لكم ولا قود  
 أنا الذي . . . . . بأجمعكم قالوا نواس قتل بل لبد  
 ثم تفتيتُ وامقياً فرحاً يا ليت سلمي وفيت بما تعد!

٦٦ - أبو هفان: حدثني يوسف<sup>(١)</sup> ابن الداية:

أن أبا نواس تفرأ مرارا ثم نكث وعاد إلى أسوأ حالاته قبل موته  
 بشهر وعاود الشرب وأجمع على المداومة عليه وترك الإفلاع عنه ، فسرنا  
 يوماً نحو الميدان فرأى غلماناً حساناً فتنفس ثم أنشأ:

(١) في التسكامة: ظنوا نراه كأنه زيد .

(٢) لم أعتز على هذا الخبر ولا الشعر في المصدر التي بين يدي .

## Bibliografia

- ‘ABD-ALMUTA‘ĀL (1899). *Alfukāha wa ali’tna’ fi mujūn Abū-Nuwās waba‘aḍ naqā’īdihī ma‘ aššuarā’*. Editado por Manṣūr ‘Abd-Almuta‘āl e Hussein Afandī Šarīf. Cairo, *Editora desconhecida*.
- ABŪ-HIFFĀN (1954). *Aḥbār Abī-Nuwās*. Editado por ‘Abd-Assattār Aḥmad Farrāj. Cairo, Maktaba Misr.
- ABŪ-HIFFĀN (2011). *Aḥbār Abī-Nuwās Ḥasan Ibn-Hāni’*. Editado por Faraj Alḥawār. Beirute, Manshūrāt aljamal.
- ABŪ-NUWĀS (2002). *Dīwān Abī-Nuwās*. Editado por Ewald Wagner. Vol. 1. Beirute, Almada.
- ABŪ-NUWĀS (2003a). *Dīwān Abī-Nuwās*. Editado por Ewald Wagner. Vol. 2. Beirute, Almada.
- ABŪ-NUWĀS (2003b). *Dīwān Abī-Nuwās*. Editado por Ewald Wagner. Vol. 3. Beirute, Almada.
- ABŪ-NUWĀS (2003c). *Dīwān Abī-Nuwās*. Editado por Gregor Schoeler. Vol. 4. Beirute, Almada.
- ABŪ-NUWĀS (2003d). *Dīwān Abī-Nuwās*. Editado por Ewald Wagner. Vol. 5. Beirute, Almada.
- ADONIS (1997). *Poesía y poética árabes*. Presentación y traducción del árabe: Carmen Ruiz Bravo Villasante. Madrid, Ediciones del Oriente y Mediterráneo.
- BLACHÈRE, R. (1986). “Baššār Ibn Burd”. In: *Encyclopaedia of Islam*. Vol. 1. Leiden, Brill, p. 1080-1082.
- BLACHÈRE, R. (1991). “Ghazal”. In: *Encyclopaedia of Islam*. Vol. 2. Leiden, Brill, p. 1028-1033.
- BLACHÈRE, R.; PELLAT, C. (1993). “Almutanabbi”. In: *Encyclopaedia of Islam*. Vol. 7. Leiden, Brill, p. 769-771.
- IBN-ALMU‘TAZZ (1956). *Ṭabaqāt Aššuarā’*. Editado por ‘Abd-Assattār Aḥmad Farrāj. Cairo, Dar Alma‘arifa fi Misr.
- IBN-ANNADĪM (1872). “Abū-Hiffān Almiḥzamī”. *Kitāb alfihrīst*. Editado por Gustav Flügel. Leipzig, Oxford University.



IBN-ḤALLIKĀN (1972). *Wafayāt ala<sup>c</sup>yān wa-anbā' abnā' azzamān*. 8 vols. Beirute, Dar Aṣṣadr.

IBN-MANDŪR (1924). *Aḥbār Abī-Nuwās ṭārīḥuhu nawādiruhu šī<sup>c</sup>ruhu mujūnuhu*. Editado por Muḥammad <sup>c</sup>Abd-Arrusul Ibrāhīm e <sup>c</sup>Abbas Aššarbinī. Cairo, Mataba<sup>c</sup>āt Ali'timad.

IBN NADIM (1964). *Kitāb al-Fihrist*. Editado por Gustav Flügel (completado por Johannes Roediger e August Müller). Beirute, Dār Maktabat al-Ḥayāt. (Pub. orig. 1871-1872: 2 vols. Leipzig: Verlag von F. C. W. Vogel.)

IBN-QUTAYBA (1947). *Aššī<sup>c</sup>r wa-ššu<sup>c</sup>arā'*. Editado por Gaudefroy-Demombynes. Paris, Sociéte d'édition Les Belles lettres.

KRATSKHOKOWSKY, I. (1993). "Muslim b. al-Walid". In: *Encyclopaedia of Islam*. Vol. 7. Leiden, Brill, p. 694-695.

KENNEDY, P. (2005). *Abū Nuwās. A Genius of Poetry*. Oxford, Oneworld Publicacions.

LECOMTE, G. (1986). "Ibn Ḳutayba". In: *Encyclopaedia of Islam*. Vol. 3. Leiden, Brill, p. 844-847.

MACDONALD, D. (1907). A MS of Abū Hiffān's Collection of Anecdotes about Abū Nuwās. *The American Journal of Semitic Languages and Literatures* 24, n. 1, p. 86-91.

MUHSIN, A. (2006). *Arabic Poetry Trajectories of Modernity and Tradition*. London, Routledge.

RITTER, H. (1986). "Abū Tammam". In: *Encyclopaedia of Islam*. Vol. 1. Leiden, Brill, p. 133-135.

ROSENTHAL, F. (1968). *A History of Muslim Historiography*. Leiden, Brill.

SCHOELER, G. (1998). "Abū Nuwās". In: SCOTT MEISAMI, J.; STARKEY, P. (orgs.). *Encyclopaedia of Arabic Literature*. London, Routledge, p. 41-43.

SCHOELER, G. (2010). The genres of classical Arabic poetry – classifications of poetic themes and poems by pre-modern critics and redactors of dīwāns. *Quaderni di Studi Arabi* 5/6, p. 1-48.

SMOOR, P. (1986). "Al-Ma<sup>c</sup>arri". In: *Encyclopaedia of Islam*. Vol. 5. Leiden, Brill, p. 927-935.

WAGNER, E. (1986). “Abū Nuwās”. In: *Encyclopaedia of Islam*. Vol. 1. Leiden, Brill, p. 143-144.

---

Submetido em 26/12/2018 e aprovado para publicação em 29/11/2019



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença Creative Commons Attribution, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado.

---

**Gostaria de enviar um artigo para a Revista *Archai*? Acesse <http://www.scielo.br/archai> e conheça nossas *Diretrizes para Autores*.**

---